

A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo _____

Documento de identificação n.º _____

Assinatura do aluno _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

**A PREENCHER
PELO AGRUPAMENTO**

N.º confidencial da escola

Prova Final de Português

Prova 91 | 2.ª Fase | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2023

9.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem _____ (_____ por cento)

Correspondente ao nível _____ (_____) Data: ____ / ____ / ____ Código do professor classificador _____

Observações _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo

Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

15 Páginas

A prova inclui 17 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

Página em branco

Para responderes aos itens 1.1. a 1.4., ouve a gravação de um texto produzido pelo jornal *Público* e segue as instruções.

TEXTO A



Fonte: www.publico.pt (consultado em 05/11/2022)

1. Assinala com **X**, nos itens 1.1. a 1.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

* 1.1. As perguntas que se ouvem inicialmente dão pistas sobre

- A a idade dos destinatários da iniciativa.
- B os temas de algumas das notícias.
- C a data da divulgação deste texto.

* 1.2. A iniciativa referida no texto decorrerá

- A em todo o país.
- B em uma das regiões do país.
- C em duas cidades do país.

* 1.3. Na referência às diferentes formas de apresentar a informação jornalística, a locutora salienta

- A a quantidade de vídeos e *podcasts* produzidos.
- B o contributo das fotografias e dos gráficos.
- C as regras para redigir notícias e reportagens.

* 1.4. A frase «Amanhã recomeçamos.» adequa-se à intenção de

- A divulgar o trabalho jornalístico no país.
- B incentivar a adesão à iniciativa em causa.
- C apelar a atividades de escrita nas escolas.

TEXTO B

Um dia, imaginei que não havia uma parede. Fui contra ela a correr. E esmurrei a cara. Uma noite, imaginei um casacão felpudo com asas. Meti-me dentro dele. Apertei os botões. Puxei o cobertor. E tive um sonho cheio de aventuras.

Há coisas que existem mesmo, independentemente do que delas imaginamos. E há
5 coisas que são apenas fruto da imaginação. Da nossa imaginação ou da imaginação de outros, que nos querem fazer acreditar que elas existem, quando não existem. Olha o papão!

É por isso que não faz mal nenhum que a gente se habitue a pensar. Ouvindo os outros. Conversando com eles. Olhando à volta com olhos de ver. Indo à descoberta de
10 como é que as coisas são e de como é que funcionam. De como é que nós vamos sendo, e de como é que funcionamos.

É importante aprendermos a distinguir entre aquilo que existe mesmo e aquilo que apenas vive na fantasia (ainda que, imaginado, o possamos sentir como se ele estivesse ali à mão). Se não existir uma ponte, se apenas houver ponte porque eu imagino que há,
15 e eu quiser atravessar o rio, caio à água. Mas, para haver ponte, foi preciso que alguém imaginasse como ela haveria de ser. E foi preciso que alguém a fizesse, para que eu por ela possa atravessar.

A imaginação transporta-nos para lá daquilo que existe. O que é muito bom. Traz-nos coisas patuscas. Peras com bigodes de alforreca, e sapatos com alcachofras na sola.
20 Alarga-nos o campo do que está à nossa disposição para inventar brincadeiras. Ajuda a perceber que as coisas, afinal, também podem ser de outros modos.

Mas, para que as coisas venham a ser de outra maneira, na nossa vida e na de todos, não basta a força de imaginar. É preciso trabalho. Junto com outros. Entendendo a resistência que as coisas oferecem. Experimentando como usá-las. Descobrimo
25 as podemos organizar. E aquilo que com elas é possível, e não é possível, fazer. Sempre, ou, pelo menos, por agora.

José Barata-Moura, «Será que tudo o que nos rodeia existe mesmo ou é só fruto da nossa imaginação?»,
Trocado por Miúdos, Porto, Porto Editora, 2014, pp. 25-26.

- * 2. Numera os tópicos de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual o autor organiza as ideias ao longo do texto.

O primeiro tópico já se encontra numerado.

- Reconhecimento de aspetos divertidos associados à atuação da imaginação
- 1 Exemplificação de diferentes consequências do uso da imaginação
- Insistência na necessidade de se associar a análise da realidade ao uso da imaginação
- Recurso a um exemplo para ilustrar diferentes formas de usar a imaginação
- Valorização da discussão e do uso de sentido crítico na análise da realidade

3. Assinala com X, nos itens 3.1. a 3.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

3.1. A locução conjuncional «ainda que» (linha 13) pode ser substituída por

- A *a menos que.*
- B *uma vez que.*
- C *sempre que.*
- D *apesar de que.*

3.2. Na frase das linhas 20 e 21, para exprimir as alternativas que a imaginação proporciona, o autor antecede a palavra «modos» de um determinante

- A artigo indefinido.
- B indefinido.
- C relativo.
- D demonstrativo.

* 3.3. O assunto com maior destaque ao longo do texto é

- A a relação entre imaginação e realidade.
- B a diferença entre a nossa imaginação e a dos outros.
- C o interesse do exercício da imaginação no dia a dia.
- D o humor associado à imaginação.

TEXTO C

Nota prévia

Em 1501, as personagens Manuel e Mestre João encontram-se numa nau da frota de Pedro Álvares Cabral, já no regresso da Índia e após a passagem pelo Cabo da Boa Esperança.

Passagem de tempo

MANUEL e MESTRE JOÃO conversando no convés.

MANUEL – Se não acreditais que morri, Mestre, e que o Demónio me fez tornar à vida para que outra vez morresse, dissei-me então por que atravesssei eu o Purgatório e vivi no Inferno durante todos aqueles dias depois do naufrágio da minha caravela, e até que fui encontrado pelos desta nau?

MESTRE JOÃO – Falas do Purgatório e do Inferno? Que Purgatório? E que Inferno, filho?

MANUEL – Sabei, Mestre, que, desde que dei acordo de mim na praia, depois do naufrágio, me achei ali numa tão grande solidão que fiquei certo de serem aquelas paragens as do Purgatório e de estar eu morto. Caminhei durante vinte dias sem encontrar alma viva, nem gente nem bruto.

MESTRE JOÃO – É natural. É bem sabido que são aquelas apenas terras de areia...

MANUEL (*Interrompendo-o*) – De areia e de pedras, mas também, mais a norte, de lugares amenos, de pasto e água. (*Pausa:*) Aí deparei ao vigésimo primeiro dia com muitos homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim, levando todos na mão um enxota-moscas. Pastoreavam ovelhas de grandes caudas e mansos bois, tocando flautas bem concertadas e cantando.

MESTRE JOÃO (*Rindo*) – Cantando como as Sereias do teatro?

MANUEL – Não troceis, senhor, que só vos falo a verdade de tudo o que vi...

MESTRE JOÃO – Eu bem sei, filho, mas às vezes parece-me que ainda deliras. (*Pausa:*) Mas continua, continua...

MANUEL – Quando parti em direção aos que cantavam, a pedir por socorro, fugiram depressa de mim como se vissem um espectro¹ do outro mundo, que decerto era esse o meu estado.

MESTRE JOÃO (*Condscendente*) – E pensas, assim, que seria aí o Inferno?

MANUEL – Estou seguro de que seria o Purgatório, e de que aquelas almas me souberam a caminho das terríveis provações do Inferno, que me haviam ainda de vir², com muita fome, e comendo terra e raízes, e com os pés com tantas chagas de caminhar sem tempo e sem destino e os olhos tão cegos que, fosse eu ainda vivo, e ali teria morrido de dores e de desespero.

Entra o CAPITÃO.

CAPITÃO – Continuais sempre a conversar? (*Para MANUEL:*) E a ampulheta³, tens virado a ampulheta? Não começa agora o teu quarto⁴?

MANUEL – Sim...

35 **CAPITÃO** (*Para MESTRE JOÃO*) – Com o céu assim enevoadado há uma semana, já quase não sabemos se é de manhã se é de tarde... (*Para MANUEL de novo:*) Sem Sol não temos como acertar a ampulheta. Não comas areia para conversar ou encurtar o quarto, senão já não nos bastará perdermo-nos no mar e ainda havemos de nos perder também no tempo.

40 **MESTRE JOÃO** – Acabamos já de conversar, Senhor Capitão.

CAPITÃO (*Saindo*) – Assim espero.

Sai o CAPITÃO.

MESTRE JOÃO (*Para MANUEL*) – Por tudo o que disseste, passaste decerto grandes provações, infeliz. Mas as provações do verdadeiro Inferno hão de ser bem maiores...

45 Tão maiores que nelas nem o teu nem o meu entendimento, nem o de nenhum homem, podem alcançar.

MANUEL (*Emocionado*) – Fui apedrejado por temerosos demónios montando bois de grande tamanho e soltando enormes gritos; e perseguido por outros com paus e setas; e mordido por serpentes e bichos repelentes nunca vistos; sofri febres terríveis sem água para matar a sede, bebendo só da do mar ou da dos pântanos insalubres; pisei areias tão escaldantes quanto fogo vivo e aceso; e o meu corpo resultou rasgado por toda a sorte de pontas e de lâminas que cresciam desabrigadamente do chão – e dizeis vós, Mestre, que não vi o Inferno?

55 *MANUEL levanta-se e vai à amurada⁵, fitando longamente o mar. Depois vira-se de novo para MESTRE JOÃO.*

MESTRE JOÃO – O que te digo é que os teus sofrimentos foram decerto tamanhos⁶, mas que os padeceste aqui, neste mundo, e não no outro, donde nunca homem nenhum voltou. (*Pausa:*) Vai começar o teu quarto, é melhor ires pela ampulheta, como te ordenou o Senhor Capitão. Depois continuaremos a nossa conversa.

Manuel António Pina, *Aquilo Que os Olhos Veem ou O Adamastor*, Porto, Porto Editora, 2019, pp. 101-107.

NOTAS

¹ *espectro* – fantasma.

² *vir* – acontecer.

³ *ampulheta* – instrumento usado para medir o tempo pela passagem de areia fina de um compartimento para outro; relógio de areia.

⁴ *quarto* – tempo de vigia.

⁵ *amurada* – parte saliente dos bordos do navio que serve de parapeito.

⁶ *tamanhos* – muito grandes.

- * 4. Nas linhas 3 a 6, Manuel refere a difícil experiência que viveu.

Por que razão menciona, nesse contexto, o momento do naufrágio e o momento em que foi encontrado pela tripulação da nau onde navega?

5. Assinala com X, nos itens 5.1. a 5.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

- * 5.1. Na fala das linhas 13 a 17, Manuel diz a Mestre João o que viu quando se deparou com os habitantes de um dos lugares por onde passou, usando, para o efeito, modificadores de nome e formas verbais

- A no pretérito imperfeito do indicativo e no gerúndio.
B no pretérito perfeito do indicativo e no gerúndio.
C no pretérito imperfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.
D no pretérito perfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.

- * 5.2. Na linha 20, na sua justificação perante a reação de Manuel, Mestre João recorre a uma oração coordenada

- A conclusiva.
B explicativa.
C disjuntiva.
D adversativa.

- 5.3. Na atitude que Mestre João mantém ao longo do texto sobressai a sua

- A confiança em Manuel.
B admiração por Manuel.
C compaixão por Manuel.
D esperança em Manuel.

* 5.4. O tipo de relação que Mestre João estabelece com Manuel revela-se, por exemplo, no uso da palavra «filho», como acontece na frase da linha 20. Nessa frase, «filho» desempenha a função sintática de

- A sujeito.
- B modificador do nome.
- C complemento direto.
- D vocativo.

* 6. Relê as falas das personagens nas linhas 13 a 30.

Nessas linhas, Manuel refere a reação dos «homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim» quando estes o viram.

Explica, por palavras tuas e de forma completa, por que razão Manuel o faz, tendo em conta o objetivo do seu discurso nesse momento do diálogo com Mestre João.

7. Assinala com **X**, nos itens 7.1. a 7.5., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

* 7.1. A referência à tarefa de virar a ampulheta contribui para manter na mente do leitor/espectador a situação representada em cena. Essa referência é feita

- A apenas pelo Capitão, que interrompe o diálogo em curso.
- B pelo Capitão e lembrada posteriormente por Mestre João.
- C apenas por Mestre João, que recorda uma ordem do Capitão.
- D pelo Capitão, mal entra em cena, e repetida depois por Manuel.

* 7.2. Ao usar a expressão «Não comas areia» (linha 37), o Capitão refere-se

- A à ampulheta controlada por Manuel.
- B às provações sofridas por Manuel.
- C ao relato levado a cabo por Manuel.
- D aos lugares percorridos por Manuel.

* 7.3. Na fala das linhas 43 a 46, para exprimir a dimensão das provações do Inferno, Mestre João emprega uma oração subordinada adverbial

- A concessiva.
- B comparativa.
- C consecutiva.
- D causal.

* 7.4. Nas linhas 47 a 53, numa longa enumeração, Manuel relata várias peripécias a Mestre João. Nesse relato, Manuel inclui também

- A uma enumeração das criaturas que o foram atacando.
- B uma enumeração das provações causadas pela febre.
- C uma enumeração das zonas por onde passou.
- D uma enumeração das feridas no seu corpo.

7.5. Para descrever a Mestre João a sensação física que a areia lhe causara (linhas 50-51), Manuel usa, em simultâneo,

- A uma comparação e um eufemismo.
- B uma personificação e um eufemismo.
- C uma personificação e uma hipérbole.
- D uma comparação e uma hipérbole.

Lê o Texto D (estância 87 do Canto IV de *Os Lusíadas*).

TEXTO D

Est. 87 «Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, IC/MNE, 2003, p. 188.

*** 8.** Escreve uma breve exposição em que integres, de forma organizada, a identificação:

- da personagem que narra aqui uma das suas experiências;
- do rei que é o seu ouvinte;
- da experiência a que se refere nesta estância;
- do local onde decorreu essa experiência;
- do verso que revela o envolvimento emocional da personagem no momento em que faz este seu relato, referindo a causa dessa emoção.

Na tua exposição, apresenta estes tópicos pela ordem que considerares mais conveniente.

- * 9. O autor do Texto B afirma que «não faz mal nenhum que a gente se habitue a pensar» sobre o que nos dizem e o que nos rodeia.

De que forma poderá esta atitude ajudar-nos no mundo em que vivemos?

Escreve um texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de 160 e um máximo de 260 palavras, em que defendas o teu ponto de vista sobre a questão apresentada.

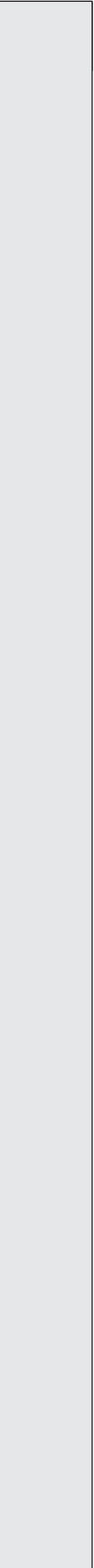
O teu texto deve incluir:

- a indicação do teu ponto de vista;
- a apresentação de, pelo menos, duas razões que justifiquem o teu ponto de vista;
- uma conclusão adequada.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (exemplo: /2023/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão implica uma desvalorização parcial de até dois pontos;
 - um texto com extensão inferior a 55 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

26 horizontal lines for writing.



Utiliza o espaço seguinte se quiseres completar ou emendar alguma resposta. Identifica claramente o item a que estás a responder.

FIM DA PROVA

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 17 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	2.	3.3.	4.	5.1.	5.2.	5.4.	6.	7.1.	7.2.	7.3.	7.4.	8.	9.	Subtotal
Cotação (em pontos)	4	4	4	4	4	4	6	4	4	4	6	4	4	4	4	8	20	92
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	3.1.				3.2.				5.3.				7.5.				Subtotal	
Cotação (em pontos)	2 x 4 pontos																	8
TOTAL																		100

Prova 91

2.^a Fase

A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo _____

Documento de identificação n.º _____

Assinatura do aluno _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

A PREENCHER
PELO AGRUPAMENTO

N.º confidencial da escola

Prova Final de Português**Prova 91 | 2.ª Fase | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2023****9.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem _____ (_____ por cento)

Correspondente ao nível _____ (_____) Data: ____ / ____ / ____ Código do professor classificador _____

Observações _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo **Entrelinha 1,5 sem figuras**

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

18 Páginas

A prova inclui 17 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a alínea correta. Escreve, na folha de respostas, o número do item e a alínea que selecionaste.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

As citações dos itens encontram-se no final da prova.

Para responderes aos itens 1.1. a 1.4., ouve a gravação de um texto produzido pelo jornal *Público* e segue as instruções.

TEXTO A

Fonte: www.publico.pt (consultado em 05/11/2022)

1. Nos itens 1.1. a 1.4., indica a alínea que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

Item obrigatório

1.1. As perguntas que se ouvem inicialmente dão pistas sobre

- a) a idade dos destinatários da iniciativa.
- b) os temas de algumas das notícias.
- c) a data da divulgação deste texto.

Item obrigatório

1.2. A iniciativa referida no texto decorrerá

- a) em todo o país.
- b) em uma das regiões do país.
- c) em duas cidades do país.

Item obrigatório

1.3. Na referência às diferentes formas de apresentar a informação jornalística, a locutora salienta

- a) a quantidade de vídeos e *podcasts* produzidos.
- b) o contributo das fotografias e dos gráficos.
- c) as regras para redigir notícias e reportagens.

Item obrigatório

1.4. A frase «Amanhã recomeçamos.» adequa-se à intenção de

- a) divulgar o trabalho jornalístico no país.
- b) incentivar a adesão à iniciativa em causa.
- c) apelar a atividades de escrita nas escolas.

TEXTO B

Um dia, imaginei que não havia uma parede. Fui contra ela a correr. E esmurrei a cara. Uma noite, imaginei um casacão felpudo com asas. Meti-me dentro dele. Apertei os botões. Puxei o cobertor. E tive um sonho cheio de aventuras.

Há coisas que existem mesmo, independentemente do que delas imaginamos. E há
5 coisas que são apenas fruto da imaginação. Da nossa imaginação ou da imaginação de outros, que nos querem fazer acreditar que elas existem, quando não existem. Olha o papão!

É por isso que não faz mal nenhum que a gente se habitue a pensar. Ouvindo os outros. Conversando com eles. Olhando à volta com olhos de ver. Indo à descoberta de
10 como é que as coisas são e de como é que funcionam. De como é que nós vamos sendo, e de como é que funcionamos.

É importante aprendermos a distinguir entre aquilo que existe mesmo e aquilo que apenas vive na fantasia (ainda que, imaginado, o possamos sentir como se ele estivesse ali à mão). Se não existir uma ponte, se apenas houver ponte porque eu imagino que há,
15 e eu quiser atravessar o rio, caio à água. Mas, para haver ponte, foi preciso que alguém imaginasse como ela haveria de ser. E foi preciso que alguém a fizesse, para que eu por ela possa atravessar.

A imaginação transporta-nos para lá daquilo que existe. O que é muito bom. Traz-nos coisas patuscas. Peras com bigodes de alforreca, e sapatos com alcachofras na sola.
20 Alarga-nos o campo do que está à nossa disposição para inventar brincadeiras. Ajuda a perceber que as coisas, afinal, também podem ser de outros modos.

Mas, para que as coisas venham a ser de outra maneira, na nossa vida e na de todos, não basta a força de imaginar. É preciso trabalho. Junto com outros. Entendendo a resistência que as coisas oferecem. Experimentando como usá-las. Descobrimo
25 as podemos organizar. E aquilo que com elas é possível, e não é possível, fazer. Sempre, ou, pelo menos, por agora.

José Barata-Moura, «Será que tudo o que nos rodeia existe mesmo ou é só fruto da nossa imaginação?», *Trocado por Miúdos*

Item obrigatório

2. Numera os tópicos de **1** a **5**, de acordo com a ordem pela qual o autor organiza as ideias ao longo do texto.

Começa a sequência pela letra **B**. Exemplo: 1 – B

- A.** Reconhecimento de aspectos divertidos associados à atuação da imaginação
- B.** Exemplificação de diferentes consequências do uso da imaginação
- C.** Insistência na necessidade de se associar a análise da realidade ao uso da imaginação
- D.** Recurso a um exemplo para ilustrar diferentes formas de usar a imaginação
- E.** Valorização da discussão e do uso de sentido crítico na análise da realidade

3. Nos itens **3.1.** a **3.3.**, indica a alínea que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

3.1. A locução conjuncional «ainda que» (linha 13) pode ser substituída por

- a) *a menos que.*
- b) *uma vez que.*
- c) *sempre que.*
- d) *apesar de que.*

3.2. Na frase das linhas 20 e 21, para exprimir as alternativas que a imaginação proporciona, o autor antecede a palavra «modos» de um determinante

- a) artigo indefinido.
- b) indefinido.
- c) relativo.
- d) demonstrativo.

Item obrigatório

3.3. O assunto com maior destaque ao longo do texto é

- a) a relação entre imaginação e realidade.
- b) a diferença entre a nossa imaginação e a dos outros.
- c) o interesse do exercício da imaginação no dia a dia.
- d) o humor associado à imaginação.

Lê a nota prévia, o Texto C e as notas apresentadas no final do mesmo.

TEXTO C

Nota prévia: Em 1501, as personagens Manuel e Mestre João encontram-se numa nau da frota de Pedro Álvares Cabral, já no regresso da Índia e após a passagem pelo Cabo da Boa Esperança.

Passagem de tempo

MANUEL e MESTRE JOÃO conversando no convés.

MANUEL – Se não acreditais que morri, Mestre, e que o Demónio me fez tornar à vida para que outra vez morresse, dissei-me então por que atravessei eu o Purgatório e vivi no Inferno durante todos aqueles dias depois do naufrágio da minha caravela, e até que fui encontrado pelos desta nau?

MESTRE JOÃO – Falas do Purgatório e do Inferno? Que Purgatório? E que Inferno, filho?

MANUEL – Sabei, Mestre, que, desde que dei acordo de mim na praia, depois do naufrágio, me achei ali numa tão grande solidão que fiquei certo de serem aquelas paragens as do Purgatório e de estar eu morto. Caminhei durante vinte dias sem encontrar alma viva, nem gente nem bruto.

MESTRE JOÃO – É natural. É bem sabido que são aquelas apenas terras de areia...

MANUEL (*Interrompendo-o*) – De areia e de pedras, mas também, mais a norte, de lugares amenos, de pasto e água. (*Pausa:*) Aí deparei ao vigésimo primeiro dia com muitos homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim, levando todos na mão um enxota-moscas. Pastoreavam ovelhas de grandes caudas e mansos bois, tocando flautas bem concertadas e cantando.

MESTRE JOÃO (*Rindo*) – Cantando como as Sereias do teatro?

MANUEL – Não troceis, senhor, que só vos falo a verdade de tudo o que vi...

MESTRE JOÃO – Eu bem sei, filho, mas às vezes parece-me que ainda deliras. (*Pausa:*) Mas continua, continua...

MANUEL – Quando parti em direção aos que cantavam, a pedir por socorro, fugiram depressa de mim como se vissem um espectro(1) do outro mundo, que decerto era esse o meu estado.

MESTRE JOÃO (*Condscendente*) – E pensas, assim, que seria aí o Inferno?

MANUEL – Estou seguro de que seria o Purgatório, e de que aquelas almas me souberam a caminho das terríveis provações do Inferno, que me haviam ainda de vir(2), com muita fome, e comendo terra e raízes, e com os pés com tantas chagas de caminhar sem tempo e sem destino e os olhos tão cegos que, fosse eu ainda vivo, e ali teria
30 morrido de dores e de desespero.

Entra o CAPITÃO.

CAPITÃO – Continuais sempre a conversar? (*Para MANUEL:*) E a ampulheta(3), tens virado a ampulheta? Não começa agora o teu quarto(4)?

MANUEL – Sim...

35 **CAPITÃO** (*Para MESTRE JOÃO*) – Com o céu assim enevoadado há uma semana, já quase não sabemos se é de manhã se é de tarde... (*Para MANUEL de novo:*) Sem Sol não temos como acertar a ampulheta. Não comas areia para conversar ou encurtar o quarto, senão já não nos bastará perdermo-nos no mar e ainda havemos de nos perder também no tempo.

40 **MESTRE JOÃO** – Acabamos já de conversar, Senhor Capitão.

CAPITÃO (*Saindo*) – Assim espero.

Sai o CAPITÃO.

MESTRE JOÃO (*Para MANUEL*) – Por tudo o que disseste, passaste decerto grandes provações, infeliz. Mas as provações do verdadeiro Inferno hão de ser bem maiores...
45 Tão maiores que nelas nem o teu nem o meu entendimento, nem o de nenhum homem, podem alcançar.

MANUEL (*Emocionado*) – Fui apedrejado por temerosos demónios montando bois de grande tamanho e soltando enormes gritos; e perseguido por outros com paus e setas; e mordido por serpentes e bichos repelentes nunca vistos; sofri febres terríveis sem água
50 para matar a sede, bebendo só da do mar ou da dos pântanos insalubres; pisei areias tão escaldantes quanto fogo vivo e aceso; e o meu corpo resultou rasgado por toda a sorte de pontas e de lâminas que cresciam desabrigadamente do chão – e dizeis vós, Mestre, que não vi o Inferno?

*MANUEL levanta-se e vai à amurada(5), fitando longamente o mar. Depois vira-se de
55 novo para MESTRE JOÃO.*

MESTRE JOÃO – O que te digo é que os teus sofrimentos foram decerto tamanhos(6), mas que os padeceste aqui, neste mundo, e não no outro, donde nunca homem nenhum voltou. (*Pausa:*) Vai começar o teu quarto, é melhor ires pela ampulheta, como te ordenou o Senhor Capitão. Depois continuaremos a nossa conversa.

Manuel António Pina, *Aquilo Que os Olhos Veem ou O Adamastor*

NOTAS

- (1) *espectro* – fantasma.
- (2) *vir* – acontecer.
- (3) *ampulheta* – instrumento usado para medir o tempo pela passagem de areia fina de um compartimento para outro; relógio de areia.
- (4) *quarto* – tempo de vigia.
- (5) *amurada* – parte saliente dos bordos do navio que serve de parapeito.
- (6) *tamanhos* – muito grandes.

Item obrigatório

4. Nas linhas 3 a 6, Manuel refere a difícil experiência que viveu.

Por que razão menciona, nesse contexto, o momento do naufrágio e o momento em que foi encontrado pela tripulação da nau onde navega?

5. Nos itens 5.1. a 5.4., indica a alínea que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

Item obrigatório

5.1. Na fala das linhas 13 a 17, Manuel diz a Mestre João o que viu quando se deparou com os habitantes de um dos lugares por onde passou, usando, para o efeito, modificadores de nome e formas verbais

- a) no pretérito imperfeito do indicativo e no gerúndio.
- b) no pretérito perfeito do indicativo e no gerúndio.
- c) no pretérito imperfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.
- d) no pretérito perfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.

Item obrigatório

5.2. Na linha 20, na sua justificação perante a reação de Manuel, Mestre João recorre a uma oração coordenada

- a) conclusiva.
- b) explicativa.
- c) disjuntiva.
- d) adversativa.

5.3. Na atitude que Mestre João mantém ao longo do texto sobressai a sua

- a) confiança em Manuel.
- b) admiração por Manuel.
- c) compaixão por Manuel.
- d) esperança em Manuel.

Item obrigatório

5.4. O tipo de relação que Mestre João estabelece com Manuel revela-se, por exemplo, no uso da palavra «filho», como acontece na frase da linha 20. Nessa frase, «filho» desempenha a função sintática de

- a) sujeito.
- b) modificador do nome.
- c) complemento direto.
- d) vocativo.

Item obrigatório

6. Relê as falas das personagens nas linhas 13 a 30.

Nessas linhas, Manuel refere a reação dos «homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim» quando estes o viram.

Explica, por palavras tuas e de forma completa, por que razão Manuel o faz, tendo em conta o objetivo do seu discurso nesse momento do diálogo com Mestre João.

7. Nos itens 7.1. a 7.5., indica a alínea que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

Item obrigatório

7.1. A referência à tarefa de virar a ampulheta contribui para manter na mente do leitor/espectador a situação representada em cena. Essa referência é feita

- a) apenas pelo Capitão, que interrompe o diálogo em curso.
- b) pelo Capitão e lembrada posteriormente por Mestre João.
- c) apenas por Mestre João, que recorda uma ordem do Capitão.
- d) pelo Capitão, mal entra em cena, e repetida depois por Manuel.

Item obrigatório

7.2. Ao usar a expressão «Não comas areia» (linha 37), o Capitão refere-se

- a) à ampulheta controlada por Manuel.
- b) às provações sofridas por Manuel.
- c) ao relato levado a cabo por Manuel.
- d) aos lugares percorridos por Manuel.

Item obrigatório

7.3. Na fala das linhas 43 a 46, para exprimir a dimensão das provações do Inferno, Mestre João emprega uma oração subordinada adverbial

- a) concessiva.
- b) comparativa.
- c) consecutiva.
- d) causal.

Item obrigatório

7.4. Nas linhas 47 a 53, numa longa enumeração, Manuel relata várias peripécias a Mestre João. Nesse relato, Manuel inclui também

- a) uma enumeração das criaturas que o foram atacando.
- b) uma enumeração das provações causadas pela febre.
- c) uma enumeração das zonas por onde passou.
- d) uma enumeração das feridas no seu corpo.

7.5. Para descrever a Mestre João a sensação física que a areia lhe causara (linhas 50-51), Manuel usa, em simultâneo,

- a)** uma comparação e um eufemismo.
- b)** uma personificação e um eufemismo.
- c)** uma personificação e uma hipérbole.
- d)** uma comparação e uma hipérbole.

TEXTO D

Est. 87

«Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Item obrigatório

8. Escreve uma breve exposição em que integres, de forma organizada, a identificação:

- da personagem que narra aqui uma das suas experiências;
- do rei que é o seu ouvinte;
- da experiência a que se refere nesta estância;
- do local onde decorreu essa experiência;
- do verso que revela o envolvimento emocional da personagem no momento em que faz este seu relato, referindo a causa dessa emoção.

Na tua exposição, apresenta estes tópicos pela ordem que considerares mais conveniente.

Utiliza o espaço seguinte se quiseres completar ou emendar alguma resposta. Identifica claramente o item a que estás a responder.

FIM DA PROVA

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 17 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Item 1.1.	4 pontos
Item 1.2.	4 pontos
Item 1.3.	4 pontos
Item 1.4.	4 pontos
Item 2.	4 pontos
Item 3.3.	4 pontos
Item 4.	6 pontos
Item 5.1.	4 pontos
Item 5.2.	4 pontos
Item 5.4.	4 pontos
Item 6.	6 pontos
Item 7.1.	4 pontos
Item 7.2.	4 pontos
Item 7.3.	4 pontos
Item 7.4.	4 pontos
Item 8.	8 pontos
Item 9.	20 pontos
SUBTOTAL	92 pontos

Dos restantes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (2 x 4 pontos).

Itens 3.1., 3.2., 5.3. e 7.5.

SUBTOTAL 8 pontos

TOTAL 100 pontos